

## ESSE versus ESTE em filmes brasileiros: Substituição ou de Especialização de Formas?

*ESSE versus ESTE in Brazilian movies: substitution or  
specialization?*

Hélcio Batista Pereira  
*Universidade Paulista (UNIP), Brasil*  
helcius@usp.br

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo contribuir para a discussão acerca dos pronomes demonstrativos do Português Brasileiro Oral. Analisamos amostras de filmes brasileiros, nos quais constatamos que, tanto no uso endofórico como nas exóforas espaciais, há uma tendência de substituição de “este” por “esse”. Contestamos com este dado a tese de Marine (2004) de que a “língua portuguesa do Brasil” apresente um paradigma binário, no qual “esse” tenha se especializado nas referências endofórica, e “este” em referências exofóricas.

**Palavras-chave:** mudança linguística, variação, pronomes demonstrativos, substituição de formas, especialização de formas.

**Abstract:** This study aims at contributing to the discussion on the uses of demonstrative pronouns in Brazilian Portuguese. For this end, samples of Brazilian films were analyzed. It was found that in the endophoric uses and in the spatial exophoric uses there is a tendency to substitute “este” with “esse”. Based on these results, it was found that Marine thesis (2004) which defends that “Brazilian Portuguese” has a binary paradigm, in which “esse” has become specialized in endophoric uses and “este” has become specialized in exophoric uses is not correct.

**Keywords:** Linguistic changes, variation, demonstrative pronouns, specialization of forms, replacement of forms.

## 1 Introdução

Em Pereira (2005), realizamos estudo que se propôs a comparar o uso de demonstrativos do Português Brasileiro (doravante PB) e do Português Europeu (doravante PE). Naquela oportunidade, trabalhamos com três tipos diversos de materiais: filmes, notícias publicadas na imprensa e tradução de dois romances escritos originalmente em Língua Inglesa. A partir dos dados da sincronia, apontamos que a considerar as amostras que analisamos a oralidade poderia ser caracterizado como de “substituição de formas”, já que o uso de “este” se mostrou apenas residual nos *corpora* formados por Filmes. Neste ponto, discordamos da tese sustentada por Marine (2004) que realizou importante trabalho sobre os demonstrativos em perspectiva diacrônica. Para a pesquisadora, “esse” teria se especializado no uso endofórico e “este” no uso exofórico. Nosso argumento na ocasião foi o de que os percentuais de “esse” em uso exofórico (41,5%) encontrados pela própria autora não permitiam sustentar a “especialização” de “este” nesse contexto e nos materiais que analisou. Além disso, seus dados históricos evidenciavam uma tendência de queda de uso de “este”, na comparação do último período estudado pela pesquisadora: o salto temporal de 1960/70 para 1990.

O objetivo do presente trabalho é contribuir para o debate sobre o processo de mudança dos demonstrativos, desta vez em perspectiva diacrônica. Sem esgotar a questão de qual é de fato a configuração sistêmica do PB Oral, propomos aqui a análise mais aprofundada dos usos encontrados em filmes brasileiros. Assim, formamos um novo *corpus* com 4 filmes lançados nos anos 1950/60 para podermos compará-los aos materiais já recolhidos em Pereira (2005) – que analisou outros 4 filmes lançados anos 1990/2000.

Buscaremos questionar se nesses tipo de *corpus* – que mimetizam a oralidade – há “especialização de formas” ou de “substituição de uma forma pela outra”? Adicionalmente, procuraremos explicar os sinais de mudança no uso dos demonstrativos que Pereira (2005) apontou.

Para isso, nas próximas seções, retomaremos os principais estudos sobre a questão, explicitaremos o debate entre Marine (2004), Pereira (2005) e Marine (2009), discorreremos sobre nossa metodologia, para finalmente partirmos para análise e interpretação dos dados obtidos em nossa nova pesquisa.

## 2 Os estudos de mudança do uso dos demonstrativos

O uso dos demonstrativos no PB já foi objeto de estudo de importantes pesquisadores e, ao que parece, ainda traz questões importantes para os estudos linguísticos brasileiros. Evidentemente, cada estudo apresentou resultados parciais sobre o “sistema linguístico”, na medida em que estudou amostras de textos, que sempre se constituem realidades parciais da língua.

Mattoso Camara Jr. (2000)<sup>1</sup>, por exemplo, apontou, a partir de sua observação da fala carioca, que na função anafórica (ou seja, nas endóforas), já não havia mais oposição entre “este” e “esse”:

[...] no emprego anafórico desaparece a oposição “este”-”esse”, ou antes, “este” não passa de uma forma mais enfática do que “esse”. A oposição estrutural se transpõe para uma mera oposição estilística. A verdadeira oposição ficaria entre “este” (“esse”): “aquele”, assinalando o primeiro membro proximidade no contexto e o segundo uma referência à distância (MATTOSO CAMARA JR, 2000, 124).

O mesmo estaria ocorrendo, no emprego dêitico (ou seja, nas exóforas). Nesse, o sistema tripartite também mostraria certa instabilidade, sendo que na fala, a equivalência gramatical de “esse” e “este” estaria se tornando uma realidade. Esse processo, segundo o linguista, estava ocorrendo em função da proximidade fonológica entre os dois pronomes, que levaria a uma variação livre entre as duas partículas (MATTOSO CAMARA JR, 2000, 124).

Outro estudo importante foi realizado por Cid, Costa e Oliveira (1986), as quais focaram a oralidade carioca. As pesquisadoras encontraram, no uso endofórico, um predomínio “esse” que respondia por 89% dos casos que analisaram.

Já Pavani (1987), que analisou o material do NURC/SP, constatou que, na fala culta, a forma “esse” tinha produtividade de 63,5%, sendo superior, portanto, a “este”. Segundo a pesquisadora, a relação comumente apontada pelos manuais de gramática normativa entre os locativos e os demonstrativos (“este”/”aqui” e “esse”/”aí”) também não se mostrava mais rígida, já que encontrou elevado índice de ocorrências combinando “esse” e “aqui”. Seus dados evidenciaram também a impossibilidade de combinação de “este” com “aí”, o que sugere que é a partícula “esse” que está ocupando os usos de “este” - e não o contrário.

---

<sup>1</sup>Publicado originalmente em 1970.

Castilho (1993), no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado, também encontrou a hegemonia da forma “esse”. O material que analisou mostrou que essa partícula respondia por 58% do total de ocorrências, em contagem que também incluiu a forma “aquele”. Analisando as formas neutras, Castilho encontrou um uso massificado da forma “isso” (67% dos casos). Apesar desses resultados, considerou uma precipitação decretar o desaparecimento do sistema ternário “[...] pois na língua escrita, quando se configuram algumas necessidades dêiticas, esse sistema reaparece claramente [...]” (CASTILHO, 1993, 127).

Em concordância com essa ressalva acerca do uso de “este” na escrita está o trabalho de Jungbluth (1998), que realizou estudo baseado em folhetos de poesia de cordel. Nesses materiais, a linguista relata ter encontrado textos marcados pelo uso exclusivo dessa partícula para designação do próprio folheto ou em função textual (“neste livrinho”, “nesta segunda lição”). O uso indistinto de “este” ou de “esse” nas referências ao que foi mencionado anteriormente foi assinalado pela autora em sua análise. E diante do resultado encontrado, Jungbluth sugere que as pesquisas levem em conta a tradição do tipo de texto: os resultados das frequências dos demonstrativos “[...] devem ser diferenciados pelos tipos de discursos respectivos, a fim de melhor se esclarecer se a elevada frequência de esse é representativa para todo o tipo de texto ou só para algum” (JUNGBLUTH, 1998, 349).

Roncarati (2003), trabalhando com dados da fala carioca, atestou a reconfiguração do sistema mostrativo de primeira e segunda pessoa, cujos valores *default* foram alterados em função da perda de referência centrada na pessoa do discurso, o que vem, segundo a autora, pressionando a implementação de um sistema dicotômico naquela variedade do PB. Os resultados encontrados confirmam a elevada produtividade de “esse/isso” e a ocorrência inexpressiva das formas “este/isto”, tanto ao nível do indivíduo quanto de toda a comunidade. Essa liderança se fez principalmente na faixa etária mais jovem. O principal mecanismo compensador do processo de enfraquecimento do sistema ternário é, segundo Roncarati, a combinação do mostrativo com advérbios dêiticos (“esse” + “aqui”).

Mais recentemente, Marine (2004) realizou um importante estudo observando a questão do ponto de vista diacrônico no que denominou “língua oral escrita”. Para tanto, a pesquisadora comparou dados do século XIX, recolhidos de anúncios publicados na imprensa da época, aos resultados de levantamento feito com *corpus* constituído com textos das “seções livres” da imprensa publicada entre 1901 a 1915, a dados extraídos de revistas femininas em dois períodos mais recentes: a décadas de 1960-70 e a década de 1990, em revistas femininas. Aos materiais desses dois últimos períodos, a autora

denominou língua “oral-escrita”, textos impressos marcados por oralidade. Sua análise mais geral mostrou que a forma “este” era usada em 96% dos casos no primeiro período; respondia por 64% das realizações nas primeiras décadas do século XX; passou a 32% nas décadas de 1960-70 e atingiu 18% na década de 1990. Focalizando somente os dados de exófora, Marine constatou que o uso de “este” que era 99% no século XIX, reduziu-se para 94% no início do século XX, foi para 80% nas décadas de 1960-70 e, atingiu a produtividade de 58,5% na década de 1990. Na endófora, “este” parte de 92,5%, viu seu uso reduzir-se drasticamente para 44% nas primeiras décadas do XX, atingiu 14,5% das ocorrências nas décadas de 1960-70 e, finalmente, conservou-se a 9,5% na última década que analisou.

A partir de tais dados, Marine interpreta que haveria aí evidências para caracterizar o processo na “língua portuguesa do Brasil” como “especialização de formas”: “esse” seria, por excelência, a forma da função endofórica (posição consolidada já no início do século XX), enquanto a forma “este” se especializou no uso exofórico (MARINE, 2004, 120).

Já em Pereira (2005), tivemos como principal foco a comparação de materiais do Português Brasileiro (PB) com materiais do Europeu (PE) no que concerne ao uso de “este” e “esse”. Para tanto, utilizamos *corpora* de gêneros distintos: 1) filmes portugueses e brasileiros recentes; e 2) notícias publicadas na imprensa desses dois países; 3) romances traduzidos do inglês, e publicados no Brasil e em Portugal. O uso geral encontrado nos materiais do PB - objeto do presente artigo - pode ser visto na tabela abaixo:

	Filmes	Jornais	Romances Traduzidos
<b>Esse</b>	213 96%	264 88%	42 47%
<b>Este</b>	9 4%	36 12%	47 53%

Tab. 1: Distribuição de ESSE e ESTE - uso geral por *corpus*.

Separando estes usos em função do tipo de referência - se endófora ou exófora, chegamos ao seguinte quadro:

	Filmes		Jornais <sup>2</sup>	Romances Traduzidos	
	Endofórico	Exofórico	Endofórico	Endofórico	Exofórico
<b>Esse</b>	71 97%	142 95%	264 88%	22 81%	20 32%
<b>Este</b>	2 3%	7 5%	36 12%	5 19%	42 68%

Tab. 2: Distribuição de ESSE e ESTE - por *corpus* e tipo de referência.

A partir destes dados, discordamos da tese de um sistema binário para a “língua portuguesa do Brasil” marcado pela especialização de formas, tal qual sustentado por Marine (2004), já que nos filmes – material que “simularia” a oralidade - encontramos, ao contrário, um processo de “substituição” de “esse” por “este”. Os dados da Tabela 2 constataam que apenas o uso feito nos romances poderia confirmar a tese da pesquisadora, já que nos usos exofóricos “este” atingiu 68% dos usos. Mas observamos, na ocasião, que os romances, de todos os materiais analisados, são os que mais sofrem com os processos de revisão e correção, o que necessariamente força o uso “tradicional” dos demonstrativos, que considera a relação de distância ou proximidade entre as pessoas do discurso e os objetos “mostrados” na exófora. A endófora dos romances, por sua vez, manteve a elevada produtividade de “esse” coerentemente com os filmes e jornais, já que sobre os usos anafóricos (retomadas do que foi mencionado) os manuais de gramática ou deixam a escolha livre do usuário da língua como faz CUNHA e CINTRA (2001), ou sugerem o emprego preferencial de “esse”, como faz Faraco & Moura (2003).

Argumentamos também que Marine (2004) teria ignorado a totalidade do comportamento do fenômeno revelada em seus próprios dados. Tomando por base os mesmos procedimentos de Negrão e Müller (1996), um clássico estudo sobre a questão da oposição entre a substituição de formas e a especialização, concluímos que a rigor só poderíamos interpretar o fenômeno como “especialização de formas” se, em primeiro lugar, a análise diacrônica mais recente mostrasse que há uma estabilidade da distribuição entre as formas “concorrentes”. Entretanto, a tendência recente, segundo os resultados encontrados por Marine neste trabalho, é de queda clara e acentuada da produtividade de “este”, que perdeu mais recentemente 21,5 pontos percentuais

<sup>2</sup>O autor optou por analisar nos textos jornalísticos apenas as ocorrências endofóricas.

em um hiato temporal de 20 ou 30 anos (de 60/70 até os anos 90) - contra uma perda de 19,9 pontos em pelo menos 60 anos (do fim do século XIX a 1960). Além disso, consideramos que a produtividade de 41,5% de “esse” nas endóforas é ainda elevada demais para que se possa sustentar que “este” tenha se especializado nesse mesmo contexto.

Marine (2009) propôs um novo estudo dos demonstrativos desta vez focando, como Pereira (2005) na comparação do PB com o PE, utilizando *corpus* cartas de leitoras publicadas em revistas femininas. Antes de partir para análise de seus dados, a pesquisadora retomou as críticas de Pereira (2005), apontando nossa “imprecisão” no entendimento da natureza de seu *corpus*. A pesquisadora não citou, entretanto, o principal argumento que fizemos contra a sua tese da “especialização de formas”: o da ausência de provas de estabilidade no processo de mudança. A autora não discute o fato de a queda acentuada e recente da frequência de “este” é incompatível com a tese da “especialização”, apontando, ao contrário, para a “substituição de formas”, como explicamos anteriormente.

Passando a análise dos dados extraídos de seus *corpora* de análise, Marine (2009) encontrou na endófora do PB o seguinte quadro, que confirmou o predomínio de “esse” confirmando Marine (2004): “este” totalizou apenas 4,4% dos usos totais; “isto” atingiu apenas 0,4% dos casos; “esse” foi usado em 49,4% das ocorrências mapeadas; e, finalmente “isso” totalizou 45,8%. Para o uso exofórico, a autora encontrou uma produtividade no PB de 59,5% de “este”; 1,3% de “isto”; 41,5% de “esse” e 1,3% de “isso”, nos dados que representam o PB.<sup>3</sup> Apesar de essa última distribuição confirmar os dados de sua pesquisa anterior, a pequena quantidade de dados de uso da *dêixis* não permitiu a ratificação da tese da “especialização de formas”. A autora preferiu não tirar conclusões precipitadas a partir de um número mínimo de ocorrências<sup>4</sup>.

Se o debate sobre a natureza do fenômeno de mudança no paradigma de demonstrativos do PB ainda está aberto, e se até agora havíamos discutido a tese da “substituição de forma” apenas com pesquisa sincrônica, propomos uma nova pesquisa que analisasse a questão a partir da diacronia. Esta pesquisa não esgotará a discussão sobre o sistema como um todo, mesmo porque nos restringiremos a um uso específico, o realizado em amostra de filmes brasileiros. Vejamos como fizemos isso, na próxima seção.

---

<sup>3</sup>Não exporemos aqui a comparação realizada com amostras do PE já que esta oposição não é objeto do presente artigo.

<sup>4</sup>A pesquisadora fez análise minuciosa do uso dos demonstrativos em função do tipo de dêixis e de anáfora que não será detalhada neste trabalho para não fugirmos ao escopo que escolhemos.

### 3 Uma nova pesquisa: aspectos metodológicos

#### 3.1 *Procedimentos*

O presente trabalho se propõe a continuar a proposta metodológica de Pereira (2005) para estudo dos demonstrativos, olhando a questão do ponto de vista diacrônico, e nos restringindo ao uso colhido em filmes brasileiros.

Nesta nova pesquisa, dividimos os materiais em dois *corpora* que foram contrastados estatisticamente: o primeiro foi aquele mesmo utilizado em Pereira (2005), constituído por 4 filmes produzidos nos anos 1990 e por outros 4, produzidos nos anos 2000. Esse material foi comparado com os recolhidos de *corpus* de outros 4 filmes produzidos na década de 1950 e 1960. Deste modo, deixamos ao menos duas décadas de separação entre um período e outro, o que acreditamos poderia evidenciar mudanças mais significativas no paradigma de demonstrativos.

Ao selecionarmos as ocorrências de “este”/”isto” e “esse”/”isso”, desprezamos as ocorrências em que o demonstrativo se fundia com preposições como (nesse, nesta, deste, desta, etc.) para que o atual resultado possa ser comparado ao de Pereira (2005)<sup>5</sup>. Nas exóforas, desprezamos as ocorrências temporais, em função da sua raridade nos *corpora* analisados<sup>6</sup>.

Ao final, a compilação dos dados nos forneceu o seguinte quadro:

---

<sup>5</sup>Em Pereira (2005), fizemos esta opção por suspeitar que a fusão com preposições merecesse estudo específico. Revendo hoje esta opção, acreditamos que poderíamos ter mantido essas ocorrências e, ainda assim, chegaríamos a um resultado semelhante ao que encontramos. Pavani (1987), por exemplo, não encontrou diferenças significativas nos usos fundidos com preposição e os “isolados”.

<sup>6</sup>Não faremos aqui qualquer afirmação sobre o uso exofórico temporal em função dessa raridade.

Corpus	Filme	Lançamento	Qtd.
1950/1960	Tico-tico no Fubá	1952	47
	Rio 40 Graus	1955	29
	O Assalto ao Trem Pagador	1962	57
	Todas as Mulheres do Mundo	1966	30
	<b>Qtd. Total do corpus dos anos 1950/60</b>		<b>163</b>
1990/2000	Terra Estrangeira	1996	28
	Beline e a Esfinge	2001	74
	Durval Discos	2002	27
	O Homem que Copiava	2003	83
	<b>Qtd. Total do corpus dos anos 1990/2000</b>		<b>212</b>

Tab. 3: Quantidade de Ocorrências obtidas dos *corpora*.

### 3.2 Reflexões sobre a natureza e eficiência dos *corpora* de filmes

Os filmes são materiais ficcionais que mimetizam a oralidade. A grande vantagem de se trabalhar com esse material em relação a qualquer tipo de material escrito é poder avaliar os usos exofóricos de forma mais global, permitindo mapear a influência das questões espaciais, por exemplo, ou o uso de gestos de apontamento. Também tem a grande vantagem de facilitar a constituição de *corpora* já que existem em abundância. Uma alternativa melhor seria certamente filmar horas e horas de conversação natural e com esse material recolher um número estatístico mínimo para análise, o que evidentemente é mais complexo<sup>7</sup>.

Marine (2009) contestou o uso de filmes para a simulação da oralidade na questão dos demonstrativos. Os dois argumentos utilizados para tanto são: 1) os filmes podem sofrer controles que forcem o uso prescrito pelos manuais de gramática e 2) os atores acabam muitas vezes por criar “caricaturas” da realidade oral. Sobre o primeiro aspecto, nossa experiência com a análise desse tipo de material mostrou que para o uso dos demonstrativos “este” e “esse” isso não foi uma verdade. Em relação ao primeiro argumento, na realidade, ao contrário, o uso identificado em Pereira (2005), evidenciou usos não prescritos pelas diversas obras de cunho normativo. A segunda acusação, a de que os filmes podem criar “caricaturas” da fala, é bastante pertinente e deve ser um alerta para os pesquisadores que se utilizam desta forma ou de qualquer

<sup>7</sup>Ainda assim, teríamos amostras parciais de um sistema marcado pela heterogeneidade.

obra de caráter mimético. Formas linguísticas estigmatizadas - ou que sejam fortemente identificadas com um dialeto - talvez possam ser tomadas pelos atores, na composição de seus personagens, de forma exagerada, forçando seus usos em contextos em que não ocorreriam na oralidade. Mas nenhum desses dois casos parece ser pertinente à questão da oposição entre “este” e “esse” que na oralidade não sofre sanções, nem tem o seu uso identificado com um grupo social em especial, cuja “caricatura” pudesse ter sido representada pelos atores.

Cada *corpus* implica em limitações que não inviabilizam os seus usos desde que o pesquisador tenha estudado os seus modos de produção, e como Marine (2009) aponta, o seu gênero. Levamos em conta todas as características nos materiais que utilizamos, motivo pelo qual atribuímos aos filmes o papel de “simular” a oralidade - o que não deve ser confundido tomá-lo como a própria oralidade. Consulta ao Houaiss mostra que “simular é “fazer parecer real (o que por si não é)” [grifos meus] (HOUAIS, 2009: 1747).

Importante mencionar que em Pereira (2011) questionamos o uso de *corpora* que não permitem o controle da história e do perfil social dos interlocutores, o que efetivamente é uma característica dos materiais analisados no presente trabalho. Entretanto, o estudo proposto neste artigo não se insere no âmbito dos estudos de História Social da Língua tal qual propomos em nossa tese de doutoramento, mas se filia à área de Linguística Histórica. Por esse motivo não discutiremos a relação dos usos mapeados com a origem social dos atores e de seus personagens, nem tampouco de produtores e diretores.

Por último, o presente trabalho tem as limitações de todos os trabalhos que tomam mostras de textos que tenham sido produzidos por brasileiros e faz asserções sobre o Português Brasileiro, enquanto sistema linguístico mais amplo. Esse tipo de estudo é muito importante para as conclusões gerais sobre o sistema, mas sabemos de sua ineficiência para descrever a totalidade da heterogeneidade da realidade brasileira oral. Temos, pois, consciência de que o presente estudo não se prestará a descrever todo o “sistema do PB” ou a “língua portuguesa no Brasil”. Mas colaborará, sim, para compreender facetas de sua complexidade.

### 3.3 O tratamento estatístico dos corpora

Feitas essas considerações, podemos descrever as variáveis que foram analisadas nos *corpora* constituídos para o presente trabalho:

a) A distribuição dos demonstrativos em relação à função que desempenha. Se aparece isolado como em (1) tem função substantiva; ou se aparece determinando um nome como em (2) tem função adjetiva.

- (1) O dinheiro foi todo em remédio, esse aqui é pra comida (O Assalto ao Trem Pagador).
- (2) Não esse lugar (Tico-Tico no Fubá).

b) A distribuição dos demonstrativos em função do tipo de referência. Se aponta para um referente fora da linguagem é exofórico como em (3); ou se realiza uma referência textual é endofórico, como na sentença (4).

- (3) Quem é esse cara? [pergunta após ver um homem passar] (Rio 40 Graus)
- (4) Depois ela deixou de gostar de mim. Não, não pense que isso me desespera, isso não me desespera. (Todas as Mulheres do Mundo)

c) Para cada ocorrência endofórica, avaliamos ainda as seguintes variáveis:

c1) Campo de interlocução: se o locutor se refere a algo dito por ele mesmo, como vimos em (4), a referência foi realizada no campo do locutor; ou se refere-se a algo mencionado pelo seu interlocutor, como em (5), a referência não se deu no campo do locutor.

- (5) - Chega de morte, quem morreu, morreu. tacatacatatacatá.  
- Acho melhor tu esquecer isso [que você disse]. Cale essa boca e vai sumindo daqui (Assalto ao Trem Pagador).

c2) Tipo de referência endofórica: se retoma algo mencionado anteriormente, como temos novamente em (4) temos, a anáfora; se anuncia algo que será dito a seguir, temos a catáfora, como em (6).

- (6) Pobreza é isso: ou destino ou burrice (O Homem que Copiava).

d) Para todas as ocorrências de exófora espacial, analisamos:

d1) Se o objeto referido está no campo espacial do locutor, como (7); ou se refere-se a algo que está em campo que não o inclui, como em (8).

- (7) - Olha, acho que foi esse aqui que tu viu, não é [segurando o rapaz]? (Beline e a Esfinge)
- (8) Que tristeza é essa [a do interlocutor]? Vamos acabar com essa cara [a do interlocutor] de enterro (Tico-tico no Fubá)?

d2) A combinação do demonstrativo com locativos: se há o uso concomitante de locativos como em (7); ou não houve esse uso, como em (8), ambos citados anteriormente.

d3) Se o uso do demonstrativo foi realizado com o apoio de gestos de apontamento ou não do objeto referenciado. No exemplo (9), o personagem aponta para o Beatriz ao apresentá-la:

- (9) - Essa é Beatriz, moça que eu te falei ontem, ela vai ser nossa assistente.

### 3.4 O embate de “esse” versus “este” nos filmes brasileiros em perspectiva diacrônica.

Um olhar sobre os resultados gerais que encontramos em nossos dados, expressos na Tabela 4, permite-nos supor que “esse” já era nas décadas de 1950/60 o pronome demonstrativo por excelência na oralidade. Sua supremacia sobre “este” apenas se ampliou de 79% para 96% na virada do século XXI.

	anos 1950/60	anos 1990/2000
<b>Esse</b>	129 79%	213 96%
<b>Este</b>	34 21%	9 4%

Tab. 4: ESTE versus ESSE: Uso geral.

Olhando um pouco mais detalhadamente, confirmamos, com dados expostos na Tabela 5, a correção de Marine (2004) ao afirmar que “este” resistiu mais a “esse” em função substantiva. Nossos dados confirmam que já na década de 1950/60 “esse” era altamente produtivo na função adjetiva, com 86% dos usos. Seu uso majoritário sobre “este” em função substantiva só ocorreu nos dados do período mais recente, quando cedeu espaço mesmo quando isolado na sentença.

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Função Substantiva	Função Adjetiva	Função Substantiva	Função Adjetiva
<b>Esse</b>	13 45%	65 86%	36 95%	106 95%
<b>Este</b>	16 55%	11 14%	2 5%	5 5%

Tab. 5: ESTE versus ESSE: Uso geral e a Função do Demonstrativo.

A observação da distribuição entre as duas partículas demonstrativas concorrentes em função do tipo de referência nos dá boas pistas sobre como ocorreu o processo de mudança. Tanto na referência endofórica como na exófora espacial, os materiais que analisamos da década de 1950/60 testemunham um uso majoritário de “esse”, com 97% e 74%, respectivamente. O que ocorreu de lá para cá foi que “este” continuou a perder terreno para “esse” no uso exofórico espacial, perdendo cerca de 21 pontos percentuais, e tornando-se residual também nas referências dêiticas.

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Endofórico	Exofórico Espacial	Endofórico	Exofórico Espacial
<b>Esse</b>	35 97%	94 74%	71 97%	142 95%
<b>Este</b>	1 3%	33 26%	2 3%	7 5%

Tab. 6: ESTE versus ESSE: Uso em função do tipo de Referência.

É exatamente essa tendência de queda, confirmada agora nessa pesquisa e que já havíamos percebido nos dados de Marine (2004), que nos leva a recusar a tese da “especialização de formas”. Não há evidências de estabilidade na produtividade de “este” no uso exofórico espacial nem em seu estudo, nem na análise que fizemos agora com os filmes; ao contrário, a amostra analisada aponta para a comprovação de uma tendência de queda. Se procurarmos alguma estabilidade diacrônica em seu uso, esta seria encontrada apenas nos usos endofóricos - contexto no qual Marine (2004) afirmou ser justamente de “especialização” da forma “esse”. O patamar de 3% da forma “este” nesse uso, não é suficientemente forte para não considerarmos esse uso apenas “residual”.

A análise detalhada das endóforas mostra o quanto “esse” tomou espaço de “este” sem ceder terreno para sua concorrente. Note que, nas referências textuais feitas fora do campo do locutor, nunca - nos dois períodos aqui analisados - “este” pôde figurar. Já as referências que incluem o locutor “esse” sempre se mantiveram preponderantes.

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Campo sem Locutor	Campo com Locutor	Campo sem Locutor	Campo com Locutor
<b>Esse</b>	21 100%	14 93%	34 100%	37 95%
<b>Este</b>	0 0%	1 7%	0 0%	2 5%

Tab. 7: ESTE versus ESSE em uso endofórico: por campo de referênciação.

Como podemos ver na Tabela 8, não encontramos nos *corpora* dos anos 1950/60 nenhum exemplo de catáfora. Já no material dos anos 1990/2000, há apenas uma ocorrência desse uso. Esses dois fatos nos levam a atestar a raridade dessa estratégia. Por isso não faremos qualquer afirmação sobre tais usos.

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Anáfora	Catáfora	Anáfora	Catáfora
<b>Esse</b>	35 100%	0 0%	68 99%	3 75%
<b>Este</b>	0 0%	0 100%	1 1%	1 25%

Tab. 8: ESTE versus ESSE: Tipo de referência endofórica.

Já nas anáforas (referência ao que foi anteriormente apontado), consideradas por Cunha & Cintra (2001) como contextos em que as duas variantes demonstrativas poderiam ser utilizadas, não há muito espaço para “este”, como confirma o resultado que apresentamos na tabela anterior.

Passando agora para a verificação do uso nas referências exofóricas, atestamos, como em Pereira (2005), a perda da ancoragem espacial como critério válido para escolha dos demonstrativos tratados aqui como concorrentes na oralidade do PB. Note que, para os dois períodos aqui estudados, não constatamos o uso de “este” para se referir a um objeto que estivesse fora do campo do locutor. Já para as referências que incluíam espacialmente o locutor, a análise diacrônica evidenciou a massificação do uso de “esse”, que aumentou sua produtividade de 47% para 92% de 1950/60 para 1990/2000. Sem levar em conta a relação de proximidade e distância em relação ao objeto

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Campo sem Locutor	Campo com Locutor	Campo sem Locutor	Campo com Locutor
<b>Esse</b>	67 100%	28 47%	59 100%	83 92%
<b>Este</b>	0 0%	32 53%	0 0%	7 8%

Tab. 9: ESTE versus ESSE nos usos exofóricos espaciais: por campo de referênciação.

referenciado, apenas 8% dos usos se mantêm com a forma “este” no período mais recente.

Outro ponto importante é a combinação dos demonstrativos com os locativos. Para as gramáticas normativas, haveria uma relação de vinculação entre “este” e “aqui” e “esse” e “aí”. Pavani (1987), confirmado por Pereira (2005), já havia mostrado que “esse” passou a se combinar com “aqui”, não encontrando qualquer produtividade a combinação de “este” e “aí”. O que nossa nova pesquisa mostrou, embora com poucas ocorrências, é que esse quadro já podia era verificado na década de 1950/60, como podemos ver na Tabela 10.

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Aqui	Aí	Aqui	Aí
<b>Esse</b>	4 31%	4 100%	23 96%	6 100%
<b>Este</b>	9 69%	0 0%	1 4%	0 0%
<b>Total</b>	13 100%	4 100%	24 100%	6 100%

Tab. 10: ESTE versus ESSE nos usos exofóricos espacial: combinação com locativo.

Na realidade, se pensarmos bem o uso de “este” + “aqui”, no modelo triparte original do português, gerava uma redundância da noção de proximidade. E a quebra da exclusividade de “este” nas combinações com “aqui”, favorece que não haja ambiguidade das enunciações com “esse”, num modelo que perdeu a

ancoragem para escolha de uma dessas duas partículas demonstrativas. Outra estratégia que permitiu a realização massificada de “esse” foi o uso de gestos, que mais uma vez compensou a ausência da ancoragem espacial. Em Pereira (2005), já havíamos mostrado esse fato na sincronia. O que a análise diacrônica revelou é que foi exatamente nas referências em que o locutor lançou mãos dos gestos que a forma “este” mais perdeu espaço da década de 1950/60 para cá. É o que podemos ver na Tabela 11, com a qual concluímos todas as análises planejadas para o presente trabalho.

	anos 1950/60		anos 1990/2000	
	Sem gestos	Com gestos	Sem gestos	Com gestos
<b>Esse</b>	81 83%	8 33%	94 94%	48 98%
<b>Este</b>	17 17%	16 67%	6 6%	1 2%

Tab. 11: ESTE versus ESSE em uso exofórico espaciais: combinação com gestos do locutor.

#### 4 Considerações Finais

O presente trabalho confirmou, em perspectiva diacrônica, os resultados encontrados por Pereira (2005) para filmes, constatando na amostra analisada a substituição de “esse” por “este”, nos usos exofórico espacial<sup>8</sup> e endofórico. Este processo atingiu inicialmente as retomadas textuais e somente mais tarde atingiu os contextos da chamada dêixis, momento em que a proximidade fonológica entre as duas formas demonstrativas, segundo hipótese de Matoso Camara (2000), pode ter favorecido a ampliação o uso de “esse”.

Não queremos aqui propor o esgotamento da discussão sobre a configuração sistêmica do PB oral atual, cuja heterogeneidade é impossível de ser captada por uma pesquisa como a que propomos. Mas nossos resultados nos levam a refutar a tese da “especialização de formas”, sustentada por Marine (2004), ao menos nessa modalidade da língua, uma vez que tanto em nossos dados diacrônicos e como nos encontrados por esta mesma pesquisadora nos textos

<sup>8</sup>Como dissemos anteriormente, nossa amostra não nos forneceu ocorrências suficientes para analisar os endofóricos temporais.

que chamou de “orais escritos”, o que se percebe é uma tendência à substituição de “esse” por “este”.

Nossos resultados também não se prestam a defender que essa configuração atinja os gêneros escritos. Em Pereira (2005), mostramos que nas notícias publicadas nos jornais brasileiros os usos endofóricos são em 88% dos casos realizados com “esse”, o mesmo não ocorrendo nos usos exofóricos de romances traduzidos, no quais “este” é 68% das ocorrências. Estudos diacrônicos poderiam confirmar se há, nesses gêneros, estabilidade entre a distribuição de “este” e “esse” ou se há indícios de processos de mudança.

A comparação de nossos resultados com os dos diversos estudos já realizados sobre o tema pode levar ao questionamento sobre possíveis diferenças entre a escrita e a oralidade no que se refere ao uso dos demonstrativos. Para buscar respostas a isso, entendemos ser necessário considerar que nos textos orais, no uso exofórico espacial, o falante pode se apoiar no extralinguístico, não necessitando manter no próprio demonstrativo qualquer noção de ancoragem espacial. Pode contar ainda com gestos que permitirão ao seu interlocutor localizar o objeto referenciado, como corretamente apontou Marine (2004). Já para um escritor, há a necessidade de situar o leitor espacialmente, sendo-lhe útil a manutenção a noção de ancoragem espacial. Além disso, acreditamos que textos de cunho escrito possam ser mais resistentes à mudança possivelmente em curso na oralidade. Chama-nos a atenção, nesse sentido, o fato de que de todos os *corpora* por nós analisados até o presente momento, os romances sejam os que mais são sujeitos às atividades de revisão de cunho normativo.

Por último, gostaríamos de destacar que a nossa análise sugere uma tendência, evidenciada pela perspectiva diacrônica. Ainda que tenhamos qualificado o quadro como “substituição”, é preciso dizer que o processo de mudança ainda não se completou. E enquanto houver usos ainda que residuais de “este”, não poderemos decretar o desaparecimento completo.

## Referências

CASTILHO, A. T. 2003. *Os mostrativos no português falado*. In: Castilho, A. T. (org.) Gramática do Português Falado: as abordagens. Volume 3. Campinas: Editora da UNICAMP. 119-147.

CID, O., COSTA, M. C. e OLIVEIRA, C. T. 1986. *Este e esse na fala culta da Rio de Janeiro*. Estudos Linguísticos e Literários. Salvador. N.º 5.

CUNHA, C. e CINTRA, L. 2001. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

JUNGBLUTH, K. 1998. *O uso dos demonstrativos em textos semi-orais: o caso dos folhetos nordestinos do Brasil*. In: Große, S. e Zimmermann, K. (eds.). "Substandard" e mudança no português do Brasil. Frankfurt:TFM. pp.329 - 355.

FARACO, C. E. e MOURA, F. M. 2003. *Gramática*. São Paulo: Ática.

MARINE, T. de C. 2004. *O binarismo dos pronomes demonstrativos no século XX: este vs. aquele ou esse vs. aquele*. Dissertação de Mestrado. Araraquara: FCL/UNESP.

MARINE, T. de C. 2009. *Um estudo sócio-discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no Português Contemporâneo*. Tese de Doutorado. Araraquara: FCL/UNESP.

MATTOSO CAMARA JR, J. M. 2000. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 32ª edição.

MATTOSO CAMARA JR, J. M. 1976. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão. 2ª edição.

NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A. L. 1996. *As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de formas?* Delta. São Paulo. Volume 12, n.º 1, 125 - 152.

PAVANI, S. 1987. *Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto falado em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.

PEREIRA, H. B. 2005. *"Esse" versus "este" no Português Brasileiro e no Europeu*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/FFLCH.

PEREIRA, H. B. 2011. *A Realização do Sujeito pela Elite Paulistana do Século XX: uma análise em perspectiva gerativista trans-sistêmica*. São Paulo: USP/FFLCH.

RONCARATI, C. 2003. *Os mostrativos na variedade carioca falada*. In: Paiva, M. da C; Duarte, M. E. L. (Org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

TORRES-MORAIS, M. A. , MÜLLER, A. L., FRANCHETTI, S. e VIOTTI, E. 1998. *Mudança sintática no Português: gramaticalização e especialização de formas*. Anais de Seminários do GEL. S. José do Rio Preto: UNESP.

---

Recebido em: 10/05/2012

Aceito em: 27/10/2012

---